

**O SABER DOS MICROEMPREENDEDORES (AS): (R)EPENSANDO OS SABERES ESTÉTICOS,
ECONÔMICOS, CULTURAIS ACIONADOS PELOS MICROEMPREENDEDORES(AS) PARA MONTAR UM
SALÃO DE BELEZA.**

Raimundo Washington dos Santos (Pós-Crítica/UNEB)

Orientadora: Profa. Dra. Suely Aldir Messeder

Resumo: O presente paper tem como proposta apresentar a necessidade de se investigar os saberes e as vivências acionadas pelos microempreendedores (as) para montar um salão de beleza na cidade de Alagoinhas – Bahia. Tomo como ponto de partida para a reflexão teórica os estudos de relações raciais, relações de gênero e o mundo do trabalho desenvolvido por Ângela Davis (2013) e Suely Carneiro (2009). Para entender as práticas econômicas no âmbito cultural, investiremos no conceito alternativo de *homo situs* e na Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento de Hassan Zaoual (2010) e questões de estéticas corporais de Luciana Maia. O procedimento metodológico será quali-quantitativo com aplicação de questionários e entrevistas aprofundadas sobre a vida dos microempreendedores (as) sob perspectiva cultural. Com esta pesquisa espera-se identificar os saberes estéticos mobilizados por microempreendedoras (es), bem como redefinir um salão de beleza como um modo de produção cultural. Em suma, só uma perspectiva de crítica cultural pode repensar um salão de beleza como um lugar estético-cultural, e de impacto identitário, indo além de um mero lugar econômico.

Palavras chave: Crítica Cultural. Salão de beleza. Modos de produção. Relações de gênero.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação aborda a questão do SABER DOS MICROEMPREENDEDORES(AS), tendo desempenhado papel importante na definição dessa investigação a vivência acadêmica e cotidiana por mim experienciada nesse município, permeada pelo contato com profissionais de salão de beleza, aqui grifo, sujeito empreendedor/a. Essas vivências não se chocam; explicam-se.

A entrada, em 2014 como aluno regular do mestrado em crítica cultural pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, possibilitou-me maior compreensão da materialidade histórica, tanto pessoal quanto coletivamente, dos demais homens e mulheres que constituem a realidade na forma como seus saberes são trabalhados em consonância aos seus empreendimentos que não só de caráter econômico mas cultural a exemplo de saberes acionados na constituição de um salão de beleza, sejam eles estéticos, econômicos e de cultura. No ano de 2014 como mestrando da UNEB, inseri-me mais detidamente no cotidiano de homens e mulheres empreendedores e empreendedoras de salão de beleza do município de Alagoinhas, mais especificamente das mulheres negras. Busquei vivenciar e observar seu trabalho, os seus saberes culturais e as relações político-sociais travadas entre homens e mulheres, entre comunidade e poder público.

Nesse sentido buscou-se compreender como os saberes estéticos, econômicos e culturais promovem, acionam, contribuem e, portanto, são os alicerces para que sejam acionados pelos microempreendedores(as) na atividade de montarem o seu salão de beleza.

Esse espaço rico e cheio de itens diversos a serem analisados, pesquisados, compreendidos quando se pensa em crítica cultural, a saber, questões de estéticas, relações de racismo, raça, relações de gênero, mercado de trabalho, práticas econômicas em um ambiente cultural, itens que subsidiam o enriquecimento no desenvolvimento dessa dissertação, assim, percebe-se a necessidade de se repensar um salão de beleza como um lugar estético-cultural, e de impacto identitário, indo além de um mero lugar econômico.

Dessa forma, percebe-se dentro das relações de gênero que a participação da mulher negra na condição de empreendedora de salão de beleza à partir dos seus saberes acionados e mobilizados contribuem, também, numa perspectiva de crítica cultural podendo possibilitar o repensar de um salão de beleza como um lugar estético-cultural, e de impacto identitário, indo além de um mero lugar econômico.

A dimensão político e institucional é a base para a sustentabilidade, no momento em que as políticas públicas podem interferir em todas as dimensões e fortalecerem os processos de desenvolvimento regional sustentáveis.

De acordo com Zaoual (2010) a importância dessa dimensão para o novo homem (*homo situs*) está em valorizar o local, seu pertencimento e assim seu sítio simbólico, buscando não somente criar ou manter o pertencimento, mas também o de criar condições para este homem permanecer no seu local e onde estão suas raízes.

Informa ainda que os sítios simbólicos de pertencimento são espaços humanos onde as dimensões da sociedade podem se adequar, se adaptar e necessitam da sustentabilidade, por esta ser multidimensional e valorizar o ser humano e a natureza com igual importância para a continuidade da humanidade. O pertencimento do *homo situs* é o elo entre os sítios simbólicos e o desenvolvimento sustentável.

Reflete-se com isso a necessidade de ver a importância da mulher negra no mercado de trabalho como uma figura empreendedora, sujeito situado e de fala. Nesse sentido, pode-se crer que as três grandes revoluções da mulher foram: a chegada dos métodos contraceptivos; sua entrada na Universidade ou até mesmo na escola e seu engajamento no mercado de trabalho, baseado na arte dos seus microempreendimentos.

Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem moldando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira e sua presença no mercado de trabalho (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Nas últimas décadas o movimento brasileiro de mulheres vem ganhando novas características e se firmando como sujeito político ativo no processo brasileiro de democratização política e de mentalidades, mostrando seu potencial e principalmente a sua força de trabalho em um cenário considerado machista, racista e sexista.

Este trabalho será apresentado da seguinte forma: Na Introdução, buscou-se apresentar o tema O Saber dos Microempreendedores(as) e a perspectiva teórica a partir da qual a pesquisa se realizará. Ainda como parte da Introdução, será apresentada a justificativa do estudo, assim como o problema de pesquisa e seus objetivos geral e específicos.

No capítulo 2, trata-se de falar da Crítica Cultural e os modos de produção, relações e gêneros nos salões de beleza localizados no Bairro de Santa Terezinha na cidade de Alagoinhas. Em seguida, subtópicos falando de um olhar crítico sobre os modos de produção nos salões de beleza do bairro de Santa Terezinha, das relações de gêneros com seus possíveis diálogos.

Em seguida, o capítulo 3 traz a observação sobre os saberes econômicos mobilizados por microempreendedores(as), seguidos de subtópicos que buscam ainda dentro dos saberes econômicos, saber como e onde foram aprendidos tais saberes, e em sequência falar um pouco dos saberes sobre organização e gestão dos microempreendedores.

Em sequência, as conclusões, referências trabalhadas e apêndices que se fez uso.

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

De início, é importante sinalizar que esta pesquisa que tem o título “O saber dos microempreendedores(as) a ser desenvolvida do projeto que enfatiza a questão do “(re)pensando os saberes estéticos, econômicos e culturais acionados pelos microempreendedores(as) para montar um salão de beleza”. É importante dizer, também, que observa-se a necessidade e preocupação em fazer um recorte para essa pesquisa do sujeito feminino negro para o entendimento da sua atuação mediante o tema proposto, e que ao mesmo tempo vai de acordo e em consonância aos propósitos do mestrado em crítica cultural na linha de pesquisa 2, a saber 1)Estudo de linguagens, 2)processos de letramento, a partir da perspectiva étnico-racial, de gênero, sexualidades, classe, considerando os sentidos de políticas públicas, deslocamentos e repercussões nas práticas educativas e na sociedade,

ao mesmo tempo, crendo-se ser serviente na articulação com a sociedade, com a ciência, com a tecnologia e trabalho.

Nesse sentido, quer-se compreender como os saberes adquiridos promovem, acionam, contribuem e, portanto, são os alicerces para que sejam acionados pelos microempreendedores(as) na atividade de montarem o seu salão de beleza.

Esse espaço rico e cheio de itens diversos a serem analisados, pesquisados, compreendidos quando se pensa em crítica cultural, a saber, questões de estéticas, relações de racismo, raça, relações de gênero, mercado de trabalho, práticas econômicas em um ambiente cultural, itens que subsidiam o enriquecimento no desenvolvimento desse trabalho, percebe-se a necessidade de se repensar um salão de beleza como um lugar estético-cultural, e de impacto identitário, indo além de um mero lugar econômico.

Para um ponto de partida de compreensão do tema é preciso ir ao passado e buscar entender o que é empreendedorismo, condição para a existência do empreendedor. Para empreendedorismo, encontra-se o conceito como algo muito subjetivo, todos parecem conhecer, mas não conseguem definir realmente o que seja. Essa subjetividade pode ser devido as diferentes concepções ainda não consolidadas sobre o assunto ou por se tratar de uma novidade, principalmente no Brasil. A ascensão do empreendedorismo vem paralelamente ao processo de privatização das grandes estatais e abertura do mercado interno para concorrência externa. Daí a grande importância de desenvolver empreendedores que ajudem o país no seu crescimento e gere possibilidade de trabalho, renda e maiores investimentos.

Tomando por referência Dornelas (2001) o autor faz um resgate histórico e identifica que a primeira definição de empreendedorismo é creditada a Marco Polo, sendo o empreendedor aquele que assume os riscos de forma ativa, físicos e emocionais, e o capitalista assume os riscos de forma passiva. Na Idade Média, o empreendedor deixa de assumir riscos e passa a gerenciar grandes projetos de produção principalmente com financiamento governamental. E no século XVII, surge a relação entre assumir riscos e o empreendedorismo. Bem como a criação do próprio termo empreendedorismo que diferencia o fornecedor do capital, capitalista, daquele que assume riscos, empreendedor. Mas somente no século XVIII, que capitalista e empreendedor foram completamente diferenciados, certamente em função do início da industrialização.

Com as mudanças históricas, o empreendedor ganhou novos conceitos, na verdade, são definições sob outros ângulos de visão sobre o mesmo tema, conforme Britto e Wever (2003, p. 17), “uma das primeiras definições da palavra empreendedor, foi elaborada no início do século XIX pelo economista francês J. B. Say, como aquele que “transfere recursos econômicos de um setor de

produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento”. Já no século XX, tem-se a definição do economista moderno, de Joseph Schumpeter que esclarece que:

o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais (SCHUMPETER, 1949, apud DORNELAS, 2001, p. 37).

Contudo, parece que uma definição de empreendedor mais próxima da atualidade é de Dornelas (2001, p. 37) que informa estar baseada nas diversas definições vistas até então, onde “o empreendedor é aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados”. Caracteriza a ação empreendedora em todas as suas etapas, ou seja, criar algo novo mediante a identificação de uma oportunidade, dedicação e persistência na atividade que se propõe a fazer para alcançar os objetivos pretendidos e ousadia para assumir os riscos que deverão ser calculados.

Baseado nas palavras de Dornelas e quando faz referência a oportunidades e aos riscos a serem calculados de um empreendimento, pode-se pensar nessa linha de raciocínio o mesmo quando se propõe um empreendimento de ordem crítico cultural quando numa relação de gêneros, sujeitos se propõe dar voz, pertencimento e significado a questão de estéticas culturais, econômicas e culturais esperando daí algum tipo de resultado, reação diversa da sociedade, um risco a ser calculado com dimensões diversas.

Davis (2013) coloca a questão da mulher negra na busca por sua história para que possam conhecer o seu papel enquanto mulher e negra e assim destruir a colonização da sua mente e construir de forma autodeterminada seus pensamentos e comportamentos (oportunidades que se constituem), começando por definir como se reconhece como mulher negra, e uma dessas formas é partir de uma ação estética cultural tendo como meio a criação de um salão de beleza como empreendimento, mas ao mesmo tempo, como um espaço estético-cultural, e de impacto identitário, indo além de um mero lugar econômico, o que provoca reações em uma sociedade como a nossa cheia de todo tipo de pré-conceitos e preconceitos, percebe-se aqui, entender os riscos oriundos dessas reações resultantes desse movimento empreendedor .

Isso leva a entender que toda ação iniciada tem seus riscos a serem percebidos mais adiante, mesmo em se tratando de empreendimento que se insere em contextos envolvendo saberes seja de estética, economia e cultura, esse último (cultura) bem esclarecido por Dolabella (1999): sabe-se que o empreendedorismo é um fenômeno cultural, e, é[...]fruto dos hábitos, práticas e valores das pessoas. Existem famílias mais empreendedoras do que outras, assim como cidades, regiões, países. Na verdade aprende-se a ser empreendedor pela convivência com outros empreendedores [...] o

empreendedor aprende em um clima de emoção e é capaz de assimilar a experiência de terceiros. (DOLABELA, 1999, p. 31)

Para Dolabella (1999, p. 12), para se aprender a empreender, faz-se necessário um comportamento pró-ativo do indivíduo, o qual deve desejar “aprender a pensar e agir por conta própria, com criatividade, liderança e visão de futuro, para inovar e ocupar o seu espaço no mercado, transformando esse ato também em prazer e emoção”.

Baseado no entendimento do que trata o empreendedorismo e que esse proporciona as pessoas base de compreensão para a realização dos seus empreendimentos, nesse caso concreto e foco de estudo, um empreendimento de ordem cultural, nasce uma inquietação para esta pesquisa, a problemática que busca saber: “Qual o saber artístico que há nos conhecimentos dos microempreendedores/as do bairro de Santa Terezinha de Alagoinhas para montar um salão de beleza?”

Analisando o problema identificado e que se busca responder de forma a elucidá-lo, percebe-se com a fala de Hooks (2005) que numa cultura de dominação e anti-intimidade, deve existir a arte do lutar diariamente por permanecer em contato consigo mesmo e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são os seus corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os seus corpos, participam de uma luta libertadora que libera a mente e o coração.

Diz ainda que, o cabelo do afrodescendente certamente é parte intrincada do perfil estético que compreende a identidade negra. A relação que cada um tem com seu cabelo é muito particular. O fato de saber ou não lidar com ele determina a forma como é aceito. Além disso, as possibilidades de informação que cada um tem e as experiências vividas desde a infância até a idade adulta fazem com que as pessoas criem diferentes conceitos sobre a forma como encaram seu cabelo e traços, descendentes das populações que vieram do continente africano. Há também que se considerar as noções de alteridade que cada um tem, que em geral causam um "despertar" para o reconhecimento de uma identidade própria, frente ao espelho e à sociedade.

O legado que se pretende entender étnico cultural, leva-se a buscar nas memórias presentes no imaginário do afrodescendente que são muito ricas em histórias, costumes e mitologias, que fazem continuar uma África além-Atlântico e outra reinventada aqui.

De acordo com Raul Lody:

Ao lado das culturas nativas, a cultura africana é especialmente importante na história dos países que foram escravocratas. É preciso considerar a influência africana nos conceitos estéticos dos colonizadores e a participação de sua cultura na formação da identidade dessas civilizações. (LODY, R. 2004, p. 19)

Segundo o autor, na cultura africana, o corpo é um espaço de manifestação artística, especialmente a cabeça, de modo que, segundo LODY, R. "os cabelos e os penteados assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas." (2004, p. 65).

Como sugere a teoria dos sítios, segundo Zaoual (2010):

ser racional no sentido da teoria econômica. Neste sentido *homo situs* é um "interpretador" da situação, ele o é no imediato e na dinâmica de sua situação. É o homem social, pensando e agindo em uma dada situação. E ele é tudo isso, veiculando o sentido do momento, aquele de sua situação com todo o peso do passado e da mudança que se impõe. É, portanto, no interior destas múltiplas contingências que ele exerce seu comportamento econômico. Assim, contrariamente ao *homo oeconomicus*, o *homo situs* é um homem comunicante com o seu meio. Ele é relacional antes de o, o *homo situs* reencaixa o *homo oeconomicus* e liberta o *homo sociologicus*.

Evidentemente, o Homem permanece um "animal social complexo" (fórmula de Allan Gibbard, 1996, p. 87) e por isso, o *homo situs* não separa as dimensões de sua existência real que nós compartimentamos pelas nossas ciências acadêmicas. O *homo situs* é indisciplinado e evolutivo a despeito do *habitus* (Bourdieu) que seu meio lhe transmite por meio da socialização e das rotinas adquiridas. Esta margem de liberdade funda as especificidades da pessoa e sua capacidade criativa.

Nessa capacidade criativa é que se percebe a necessidade do resgate através dos saberes estéticos cultural a ratificação identitária dos microempreendedores (as) principalmente o sujeito negro feminino.

Considerando-se a visão do Ministério da Cultura, que defende que a cultura popular é a expressão mais legítima e espontânea de um povo. Ao mesmo tempo em que carrega em si elementos fundadores de uma cultura, resulta de um constante processo de transformações, assimilações e misturas. Ao assumir e reconhecer sua fundamental importância para a construção de uma identidade nacional que compreenda toda a diversidade das manifestações culturais, percebe-se um passo importante em direção ao fortalecimento de uma consciência cidadã.

No caso da cultura da arte de empreender um salão de beleza não como fator unicamente econômico mas estético e cultural, percebe-se ser esta uma arte que além de ressaltar o orgulho étnico, tem um papel de fundamental na configuração social e econômica do local, pois deixa de ser

apenas a cultura étnica popular, ensinada em casa e passa a ser profissão e forma de sustento para várias famílias e legitimação identitária.

De acordo com Carneiro (2010) pensar a contribuição do feminismo negro na luta anti-racista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais. Tal situação, por seu turno, engendrou formas de resistência e superação tão ou mais contundentes.

Diz ainda que, o esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica que possibilitou que as ações dessas mulheres do passado e do presente (especialmente as primeiras) pudessem ecoar de tal forma a ultrapassarem as barreiras da exclusão, principalmente no mercado de trabalho.

Dessa forma, percebe-se que a participação da mulher negra na condição de empreendedora de salão de beleza à partir dos seus saberes acionados e mobilizados contribuem, também, numa perspectiva de crítica cultural podendo possibilitar o repensar de um salão de beleza como um lugar estético-cultural, e de impacto identitário, indo além de um mero lugar econômico. A dimensão político e institucional é a base para a sustentabilidade, no momento em que as políticas públicas podem interferir em todas as dimensões e fortalecerem os processos de desenvolvimento regional sustentáveis.

De acordo com Zaoual (2010) a importância dessa dimensão para o novo homem (*homo situs*) está em valorizar o local, seu pertencimento e assim seu sítio simbólico, buscando não somente criar ou manter o pertencimento, mas também criar condições para este homem permanecer no seu local e onde estão suas raízes.

Informa ainda que os sítios simbólicos de pertencimento são espaços humanos onde as dimensões da sociedade podem se adequar, se adaptar e necessitam da sustentabilidade, por esta ser multidimensional e valorizar o ser humano e a natureza com igual importância para a continuidade da humanidade. O pertencimento do *homo situs* é o elo entre os sítios simbólicos e o desenvolvimento sustentável.

2 JUSTIFICATIVA

Construir coletiva e dialeticamente possibilidades históricas de mudança nos sistemas educativos considerando a diversidade cultural, os saberes locais e outras formas de desenvolvimento são desafios às sociedades da contemporaneidade. Denise Arnold (2008) apresenta críticas a modelos de desenvolvimento que focalizam apenas aspectos econômicos, e declara apoio à

tendência atual denominada descolonização, que se opõe à visão de desenvolvimento imposta pelo modelo hegemônico europeu.

Assim, se outro desenvolvimento é possível, outra educação é igualmente possível, necessária e imprescindível. A busca de alternativas educativas perpassa, irrevogavelmente, por uma fundamentação intercultural à altura das exigências de diálogo e justiça cultural reivindicada por inúmeros sujeitos, principalmente aqueles que vivem nas fronteiras e em territórios em disputa ou contestados.

É compreensível, portanto, que nas últimas décadas tenha ocorrido um significativo aumento de grupos e movimentos que, de forma organizada e articulada, vêm buscando reconhecimento de suas identidades, emancipação e superação das condições marginais em que se encontram. Tais grupos enfrentam e questionam processos de exclusão e desigualdades a que foram submetidos historicamente, através da criação, incorporação e difusão de outras bases epistemológicas, e encontram na Interculturalidade, enquanto um paradigma emergente, a possibilidade de gestação de outras formas de relacionamento entre grupos socioculturais diferentes, abrindo perspectivas para novas concepções e práticas educacionais.

Diante de tantos conflitos, segregações, privações, preconceitos, discriminações, colonialismos e violências que marcaram a história de sujeitos diversos na sua formação, na sua identidade, na sua construção, urge um posicionamento crítico, ético e político empenhado em assegurar a dignidade humana e em propiciar relações alteritárias entre diferentes culturas, possibilitando a cada sujeito/grupo à liberdade de se desenvolverem autonomamente, enfrentando processos que forjam identidades e diferenças a partir de um único modelo padronizado de ser, pensar, falar, agir e viver.

Baseado nessa preocupação busca-se com o tema proposto possibilitar esse entendimento da necessidade de libertação, afirmação, reconstrução, identidade, preservação de hábitos, costumes, crenças, valores, princípios, principalmente o valor ético e moral através dos saberes sejam eles estéticos, econômicos, culturais de que os empreendedores e empreendedoras de salão de beleza acionam, reverberam, para que nesse espaço, em suma, numa perspectiva de crítica cultural possa se repensar um salão de beleza como um lugar estético-cultural, e de impacto identitário, indo além de um mero lugar econômico.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

A participação em leituras enquanto aluno especial no mestrado de crítica cultural e depois regular, participação em algumas atividades interdisciplinar em ambientes externo à instituição,

estudo de disciplinas direcionadas ao curso como optativas e obrigatórias e mesmo de ensino possibilitou a construção de uma base histórico-política para a elaboração do problema que consubstanciou a presente pesquisa, a saber:

“Qual o saber artístico que há nos conhecimentos dos microempreendedores/as do bairro de Santa Terezinha de Alagoinhas para montar um salão de beleza?”

Para o tratamento desse problema, os saberes analisados são considerados sociais por resultarem em conhecimentos que expressam a visão de mundo e de relações sociais, bem como o tipo de sociedade e de desenvolvimento para ela concebido, as formas de organização, a participação e a comunicação elaborados pela classe empreendedora como respostas alternativas às contradições impostas por uma parte considerável da sociedade.

Quanto à categoria hegemonia, compreende-se-la apoiados em Gramsci (2006), como o processo de disputa que as classes sociais travam no cotidiano das relações societárias, objetivando a materialização de seus projetos de homem, de sociedade, para o que mobilizam saberes com o intuito de assegurarem seus posicionamentos como os realmente necessários para o “bem” coletivo, o que pressupõe, a partir da lógica, a criação de um sistema de valores, conhecimentos, atitudes e habilidades voltados para a manutenção do status quo de dominação, no sentido de continuar com as condições adequadas para a obtenção permanente da mais-valia.

Por outro lado, parte-se da compreensão de que os empreendedores/as também constroem e/ou até reconfiguram valores, habilidades, estratégias e conhecimentos no contexto de construção de um projeto societário contra-hegemônico, voltado inicialmente para a resolução de problemas que lhes afetam o cotidiano, mas que tende a se expandir para a materialização de uma sociedade que não tome a extração da mais-valia como princípio e objetivação de sua existência.

É sob a ótica dos empreendedores/as de salão de beleza de Alagoinhas na Bahia, que analisou-se a configuração de saberes sociais de ordem estética, econômica e cultural como objetos de luta de classes e possíveis instauradores de uma consciência de classe em si diante das demandas da sociedade.

Entende-se, assim, que esses saberes, oriundos das relações sociopolíticas vivenciadas por esses sujeitos alfabetos ou analfabetos, letrados ou iletrados, resultam de um processo dialético de significação e/ou ressignificação de habilidades, conhecimentos, valores e atitudes objetivados a partir das contradições decorrentes das lutas travadas.

4. Objetivo Geral

Compreender os saberes e vivências estético-culturais acionados pelos/as microempreendedores/as do bairro de Santa Terezinha para montar um salão de beleza

4.1 Objetivos Específicos

Identificar os saberes estéticos, econômicos e culturais mobilizados por microempreendedores/as de Alagoinhas no bairro de Santa Terezinha

Entender como é feita a redefinição de um salão de beleza como um modo de produção cultural.

Construir o perfil dos microempreendedores/as de Alagoinhas no bairro de Santa Terezinha

5. METODOLOGIA

Para o procedimento metodológico a ser utilizado no desenvolvimento dos trabalhos para esta dissertação de mestrado, será quali-quantitativa com aplicação de questionários e entrevistas aprofundadas sobre a vida dos microempreendedores nos salões a serem pesquisados no bairro de Santa Terezinha (as) sob perspectiva cultural.

Tendo quatro fases, sendo que duas delas são superpostas entre si. Veja-se as descrições das fases:

FASE I

Tendo como objetivo selecionar os microempreendedores(as), onde serão realizadas reuniões com objetivo de apresentar a proposta do trabalho, convocar os/as microempreendedores(as) e realizar as entrevistas. Também, será feito um levantamento estatístico no bairro selecionado, considerando o número de habitantes e o número de estabelecimentos de microempresários registrados na Prefeitura e no Sebrae.

FASE II

Consiste na aplicação dos surveys. cujo conteúdo nos revelará o espelho da história do estabelecimento, o funcionamento, a relação com os funcionários e/ou ajudantes e clientes, com ênfase as relações raciais, de gênero, estética, etc. e o perfil do/a microempresário/a. Neste survey será acrescido a questão aberta sobre a representação da mulher negra nesta área de atuação. Aqui, deverá ser realizada uma consultoria com um estatístico ou um demógrafo para que a amostragem

seja calculada como significativa neste bairro. Deverá ser contratado o serviço de digitação dos dados e uso de um software adequado para tabulação de dados que servirá também para a análise do discurso oriundo da FASE III.

FASE III

Neste período far-se-á a seleção do universo microempreendedores(as) a serem entrevistadas, cujos critérios serão amplamente debatidos e dependerá da análise dos dados recorrentes da fase anterior. As entrevistas consistem na biografia destas microempresárias. Cabe esclarecer que no decorrer da fase anterior e nesta fase será realizada a Observação Participante nos estabelecimentos, esta observação servirá também de subsidio para a formação dos critérios da seleção deste universo. Analise do resultado através da sistematização dos dados.

FASE IV

Consiste na divulgação do conhecimento produzido nesta pesquisa, que tem a ver diretamente com a produção da tecnologia social apreendida pelo modus operandis dos microempreendedores(as) baianos e em particular empreendedores/as de salão de beleza situados no Bairro de Santa Terezinha e articulada com o saber científico.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Francisco; WEVER, Luiz. *Empreendedores brasileiros: vivendo e aprendendo com grandes nomes*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento*. Estudos Avançados, São Paulo, n. 49.2003.

DAVIS, Angela Yvonne. *Mulher, Raça e Classe*. Trad. Livre. Plataforma Gueto_2013.

DOLABELA, Fernando. *Oficina do Empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DOLABELA, Fernando. *O segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

HOOKS, Bell. Alisando nosso Cabelo. *Revista Gazeta de Cuba – União de escritores y Artista de Cuba*, janeiro-fevereiro de 2005. Trad. Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html

LODY, R. G. da M. *Cabelos de Axé: Identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004. 136p.

Ministério da Cultura, em *Seminário Nacional de Culturas Populares* de 23 a 26/02/2005; Disponível em: http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/culturas_populares/seminario_naciona Acesso em 21/08/2014

ZAQUAL, H. O homo situs e suas perspectivas paradigmáticas. In: *Revista OIKOS*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2010.